

VERBOS DE APRESENTAÇÃO EM PORTUGUÊS

Sebastião J. Votre
Universidade Federal do
Rio de Janeiro
Universidade Gama Filho

1. INTRODUÇÃO

- Neste trabalho procuro descrever e interpretar o processo de inversão da ordem SN V para V SN em 21 narrativas de crianças de 6 a 9 anos do Estado do Rio de Janeiro.¹
- As narrativas selecionadas são contos folclóricos, estórias em quadrinhos e relatos de filmes e novelas. Não foram analisadas narrativas de experiências pessoais para evitar o predomínio do referente *eu* e para se poder controlar o status dos referentes de terceira pessoa.
- Na primeira parte se apresenta uma visão sucinta e incompleta do que se encontra nas gramáticas normativas sobre verbos impessoais e inversão de ordem, com ênfase nos casos de posposição do sujeito. A seguir são examinadas as construções inversas das narrativas e os verbos dessas construções são comparados com verbos de construções na ordem SN V. Comparo também o SN posposto com o anteposto em termos do status do referente.
- A hipótese básica deste trabalho é que a inversão é um processo que favorece o cálculo do enunciado, por colocar o novo referente em posição ótima para ser tópico do comentário seguinte.²

2. OS PADRÕES DA GRAMÁTICA NORMATIVA

- Os gramáticos consideram como impessoais verbos que aparecem no início da sentença, com sintagma nominal posposto ou sem sintagma nominal; entre outros tipos são considerados os seguintes:

2.1 — haver, no sentido de existir; nesse caso o sintagma nominal é considerado como objeto direto:

- (1) Há aula hoje.
- (2) Havia muita gente na festa.

2.2 — fazer, no sentido de fenômeno atmosférico ou de referência temporal; nesse caso o sintagma nominal também é considerado como objeto direto:

- (3) Faz calor hoje.
- (4) Faz muitos anos.

2.3 — chover, ventar, sem sintagma nominal:

- (5) Está ventando forte.

— São apresentados também dois tipos de construções impessoais com sujeito oracional:

2.4 — constar, urgir, convir, ocorrer, acontecer, suceder, normalmente com o sujeito oracional posposto:

- (6) Convém que saíamos da cidade hoje.

2.5 — ser bom, ser proibido, ser necessário, também com sujeito posposto:

- (7) É necessário passar por aqui.

2.6 — custar, demorar, carecer, parecer, considerados como semipessoais, por se comportarem como pessoais quando têm sujeito anteposto:

- (8) Nós demoramos para entender o jogo

os mesmos verbos se comportam como impessoais se o sujeito estiver representado pelo sistema oracional:

- (9) Demorou para entendermos o jogo.

O verbo **parecer**, embora listado em 2.6, e às vezes considerado à parte por poder usar-se como pessoal ou impessoal sem mudar a ordem das palavras:

- (10) Os artistas parecem aceitar a proposta.
- (11) Os artistas parece aceitarem a proposta.

2.7 — alugar, vender, forrar, etc. — verbos transitivos na forma passiva sintética:

- (12) Aluga-se um apartamento.
- (13) Alugam-se apartamentos.

3. VARIABILIDADE

— Na fala espontânea as categorias acima não têm comportamento categórico. Assim, **haver** (que normalmente é substituído por **ter**), em certos contextos que é preciso definir, concorda com o sintagma posposto:

- (14) Tinham pessoas na sala.
- (15) Houveram outras festas.

O verbo **fazer** pode concordar com o sintagma que marca tempo:

- (16) Fazem muitos anos que isso aconteceu.

A passiva sintética, apesar do esforço em contrário dos gramáticos, parece ser interpretada na fala como um caso de indeterminação do sujeito:

- (17) Aluga-se apartamentos.

— Por conseguinte, se prestarmos atenção apenas para as restrições e condições de concordância podemos dizer que há dois movimentos distintos, opostos, nos casos de sintagma posposto: um que favorece a concordância verbal, isto é, a personalização, e envolve as categorias de **ter**, **haver** e **fazer**; o segundo movimento favorece a não-concordância, isto é, a impersonalização, e atinge a chamada passiva sintética.

— A categoria de **constar** e **urgir** está praticamente fora da fala, bem como o uso impessoal de **custar**, **demorar**, e o uso pessoal de **alugar** na passiva sintética.

Uma observação rápida mostra que as categorias acima constam de verbos não-transitivos, com exceção dos verbos do tipo **alugar**.

4. STATUS DOS REFERENTES

— Em vez de utilizarmos a escala dicotômica clássica, que divide os referentes entre novos e velhos, ou novos e evo-

cados, preferimos trabalhar com um refinamento dessa escala, proposto por Ellen Prince (1981), em que além de se propor novas subdivisões para novos e **evocados** se introduz uma nova categoria de referentes **inferíveis**. Referentes novos podem ser novos-em-folha (aqui identificados apenas como **novos**) ou **únicos**, isto é, referentes de entidades que, embora novas no discurso, já existem na mente do ouvinte. Referentes evocados podem ser textualmente evocados, isto é, repetições do que já apareceu no texto, ou situacionalmente evocados, como os pronomes identificadores dos participantes do discurso: **eu, nós, vocês**. São considerados como inferíveis os referentes que, mesmo novos no texto, podem ser construídos ou inferidos pelo ouvinte a partir da situação lingüística ou pragmática. Esperamos que a taxionomia aqui apresentada fique mais clara no correr deste trabalho.

- É difícil, senão impossível, definir o status dos referentes dos sete grupos acima em termos de uma escala de familiaridade como a acima proposta, porque se trata de sentenças isoladas. Entretanto, podemos avançar alguns passos na interpretação desses referentes, mesmo ao nível da sentença. A primeira constatação é que sintagmas muito 'pesados', embora sujeitos, tendem a ser pospostos, como acontece com os verbos **constar, urgir**, e com as expressões **é preciso, é necessário**; não parece clara a característica de entidade, no sujeito das sentenças em que esses verbos aparecem, mas é no sujeito que está a nova informação (estou mais seguro do que acabo de afirmar quanto a **constar, urgir**, do que quanto a **é preciso, é necessário**). A segunda constatação é que os verbos do tipo **ter, haver e fazer** são inerentemente fracos, e tem por função básica apresentar o novo referente.
- Verbos do tipo **alugar**, no uso passivo sintético, enfatizam o referente tanto no contexto do texto como da situação: a nova entidade, posposta, pode estar fisicamente próxima, no mundo real, da expressão lingüística que a apresenta; é comum, inclusive, suprimir o referente dessa entidade real, isto é, transformar o real em referente do texto, como se vê em: **aluga-se**; está claro, para quem lê, que a entidade em foco é o apartamento ou dependência onde está afixada a expressão **aluga-se**.
- Parece, pois, que a língua padrão, em princípio, estaria utilizando construções encabeçadas por verbos por razões pragmáticas relacionadas à facilidade de cálculo da sentença e distribuição da informação pelas posições sintáti-

cas, com destaque no esvaziamento da primeira posição sintática (normalmente, a posição do sujeito).

5. A FALA ESPONTÂNEA

- O quadro das inversões, nas narrativas do corpus, é bastante diferente do que apresentam as gramáticas normativas: os dados não contêm exemplos de uso de **constar, custar, ser preciso, haver, alugar ou fazer**. Em compensação, apresentam casos não arrolados na lista da gramática, como **ser, chegar, vir, cair**.
- As inversões presentes no corpus ocorrem em construções como:

(18) Tinha um monte de pessoa	(2,1,2)
(19) Era uma vez um moço, né	(5,2,1)
(20) Veio um monte de avião	(2,1,10)
(21) Chegou os caçadores	(3,1,11)
(22) Caiu um raio	(1,1,8) ³
- Os verbos das construções acima são elementos de apresentação e/ou introdução: eles apresentam, ou introduzem na narrativa, para o ouvinte, uma entidade **nova** no texto, isto é, que ainda não tinha aparecido. Essa entidade, que não tinha sido **evocada**, pode ser **inferível** no modelo do discurso⁴ do ouvinte, como no exemplo (21), ou completamente nova, como nos demais exemplos (18)-(22). O referente de (21) é **os caçadores**; esta é a única ocorrência com artigo definido, o que mostra que, para o falante, a entidade **os caçadores** pode ser construída pelo ouvinte sem maiores problemas, por causa do contexto imediato da narrativa: o falante descreve uma cena em que o Lobo Mau engoliu a vovó e está na cama da vovó, tentando enganar o Chapeuzinho Vermelho; nesse momento **chegam os caçadores** (creia, leitor, não tive outra alternativa senão pospor **os caçadores** na linha acima).
- A entidade que é introduzida como nova ou inferível pelos verbos dos exemplos (18)-(22) é imediatamente transformada em tópico do segmento seguinte, que desempenha a função de comentário.
- Cada sentença é continuada por um segmento que representa nova informação para o referente introduzido:

- (18)a. Tinha um monte de pessoa que fez um buraco pra ele (Kingcong) cair com uma bomba dentro.
- (19)a. Era uma vez um moço, né, ia ao baile com a namorada.
- (20)a. Veio um monte de avião, metralhou ele (Kingcong) todinho.
- (21)a. Chegou os caçadores atirando tu, du, tu, du, tu, du, du.
- (22)a. Caiu um raio e pegou fogo nele.

— Parece claro, pelos exemplos acima, que a inversão, na fala, é mais do que uma opção estilística ou um caso de variação livre; de um certo modo as construções começadas por verbo do tipo que acabamos de apresentar não tem outra alternativa: é preciso que o primeiro sintagma nominal esteja posposto:

- porque ele é o tópico do segmento seguinte;
- porque a posição de sujeito (ou melhor, a primeira posição à esquerda do verbo) tende a esvaziar-se, isto é, não é propensa a conter informação nova.

— Parece que o fato de o referente posposto ser tópico do segmento seguinte é o fator mais importante que determina a posposição, pois essa ordem facilita o cálculo da sentença. A ligação entre os dois segmentos, duas unidades informativas, pode se dar na forma de relativização, como (18)a, de construção no gerúndio, como (21)a, de simples justaposição com pagamento do sujeito, como em (19)a e (20)a, ou através de conjunção aditiva, como em (22)a.

— A medida do efeito da posposição do sujeito na regra de concordância verbal pode ser uma evidência a favor da reanálise do sintagma posposto como objeto direto (como acontece com **ter** e **fazer**). Nossos dados não permitem um estudo mais detalhado desse possível efeito (a) porque são relativamente pouco numerosos os exemplos de posposição do sintagma e (b) porque normalmente a entidade introduzida é um indivíduo e não uma pluralidade; com efeito, ocorrem apenas quatro casos de sintagma posposto no plural (e apenas um caso com concordância):

- (23) vai nascer outras.
- (24) chegou os caçadores.
- (25) veio três mulher fazendo mágica.
- (26) nasceram outras.

— Como dissemos, não temos dados suficientes; entretanto se olharmos para os resultados de Competências Básicas do Português, em que Lemle e Naro estudam o efeito da posição do sujeito na concordância verbal, notamos: (a) que os dois únicos exemplos citados no estudo são de verbos de apresentação (p. 20):

Sumiu todos os meus discos

Veio muitos parentes de fora para a festa

(b) a probabilidade de concordância com sujeito posposto é de apenas .22, enquanto a de sujeito fisicamente separado do verbo é .44, e a de sujeito anteposto é .70. Ao invés de aceitarmos a explicação de Lemle e Naro (p. 43) segundo a qual a falta de concordância é menos óbvia porque o elemento determinante da concordância segue ao determinado, diríamos que, de fato, normalmente, sujeitos com verbos como **vir** e **sumir** tendem a **vir** pospostos, e a não ser sentidos como sujeitos, se representarem entidades não evocadas.

5.1. O status do sujeito posposto

— No quadro seguinte (quadro 1) apresentamos todas as ocorrências de sujeito posposto encontradas nas narrativas aqui analisadas, bem como uma tentativa de classificação do referente em termos da escala de familiaridade (**n** para novo, **I** para inferível), em termos do traço definido (+ ou —) e em termos do tempo do verbo (+ ou — passado). No segundo quadro apresentamos apenas os exemplos de posposição com o verbo **ter** no sentido de existir. A razão de **ter** não constar no primeiro quadro é que o sintagma posposto, aqui, é considerado pelos gramáticos como objeto, e jamais pode ser removido para a esquerda do verbo.

Quadro 1 — Ocorrências de sujeito posposto nas narrativas de crianças da área rural do Estado do Rio de Janeiro

Nº Narr.	L.	Enunciado	status	definido	passado
1	1.1.	6 chegou o namorado da garota	n	+	+
2	1.1.	8 aí calu um raic	n	—	+
3	1.1.	2 era uma vez o pai de João e Maria	na	+	+
4	1.2.	15 aí chegou a bruxa	n	+	+
5	1.1.	22 "tá tudo fino, fino"	n	—	—
6	1.2.	23 chegou um dia	n	—	+
7	1.5.	1 era uma vez um homem muito pobre	n	—	+
8	1.5.	6 "vai nascer outras"	l	—	—
9	1.5.	9 aí depois nasceu nenhuma	l	—	+
10	1.5.	13 "vai abrir tanta comida!"	n	—	—
11	1.5.	18 "vai cair muito dinheiro!"	n	—	—
12	1.5.	20 não calu nada	l	—	—
13	1.5.	32 aí saiu dinheiro	n	—	+
14	1.5.	33 aí calu dinheiro	n	—	+
15	1.5.	35 nasceram outras	l	—	+
16	2.1.	2 vinha uma cobra	n	—	+
17	2.1.	8 veio um bicho	n	—	+
18	2.1.	10 veio um monte de avião	n	—	+
19	3.1.	2 era uma vez a mãe do Chapeuzinho Vermelho	na	+	+
20	3.1.	5 chegou o Lobo Mau	n	+	+
21	3.1.	11 chegou os caçadores	n	+	+
22	3.3.	5 veio outro amigo dele, o médico	n	—	+
23	5.1.	7 veio três mulher fazendo mágica	n	—	+
24	5.1.	10 deu um homem que...	n	—	+
25	5.2.	1 era uma vez, né, um moço	n	—	+
26	5.2.	5 chegou o camelô	n	+	+

— Os referentes do quadro 1 nunca são textualmente ou situacionalmente evocados. Entretanto, não se pode afirmar que se trate sempre de uma entidade nova; pode ser inferível, como em (8) e (9): a fada deu a João um cacho de bananas, e disse: "vai nascer **outras**"; mas aí depois não nasceu **nenhuma**; a fada disse: "vai cair dinheiro", mas não calu **nada**.⁵

— A categoria de entidades novas é subclassificada em nova-em-folha ou única; a entidade nova-em-folha pode ser por sua vez dividida em **ancorada** ou **não-ancorada**. Nesta análise não estabelecemos a diferença entre entidade ancorada e não-ancorada até aqui, mas para os efeitos do quadro 1 esta distinção parece relevante: com efeito a entidade nova ancorada está muito próxima da inferível; num certo sentido ela é inferível, porque sua âncora é situacional ou textualmente evocada. São casos de entidade nova ancorada os dos exemplos (1), (3), (19) e (23); os três primeiros exemplos contêm sintagma definido, o que favorece a interpretação de que não são completamente novos.

— Exemplos como (4) e (21) mostram outra parte problemática da classificação de referentes: a bruxa e o Lobo Mau são entidades únicas, i. é, nomes próprios de tipo especial, ou entidades genéricas? Para os efeitos desta análise estamos classificando bruxa e lobo mau como únicos, embora intuitivamente nos pareça que bruxa é um nome genérico mais geral do que lobo, uma vez que o lobo tem o atributo **mau** e a bruxa não tem atributo.

— Os exemplos (21) e (26) parecem opacos em termos do status dos referentes: tanto **os caçadores** como **o camelo** são introduzidos com artigo definido, e são novos no texto. Isso pode significar ou que o artigo definido ainda não tem seu uso consolidado na fala das crianças ou que há condições que controlam o seu uso que ainda não compreendemos claramente.

O tempo dos enunciados do quadro 1 é o passado (pretérito imperfeito e perfeito), com exceção das transcrições de discurso direto, que representam constatação, como em "tá tudo fino, fino", ou previsões, como as da fala da fada, na narrativa 1.5: "vai nascer outras, vai abrir tanta comida, vai cair muito dinheiro". O verbo **ser** é utilizado no pretérito imperfeito apenas; o sentido dessa expressão fixa, entretanto, é de pretérito perfeito; já o verbo **vir** em vinha uma cobra, apresenta uma idéia de ação continuada, ou ao menos não-conclusa, que no momento não entendemos muito bem.

— Os verbos do quadro 1 podem distribuir-se em (a) verbos que apresentam uma entidade no início de uma intriga ou cena: era uma vez um moço; esses verbos são semanticamente vazios, ou pelo menos muito fracos, e ocupam a primeira posição da sentença como uma espécie de porta por onde passa a nova entidade; (b) verbos que introdu-

zem (de súbito?) novo personagem: veio um bicho; o personagem introduzido na narrativa pode ser inesperado, isto é, realmente novo, ou mais ou menos previsível, isto é, inferível; de qualquer modo, sua entrada no texto representa uma informação nova, e ele se transforma imediatamente em tópico de um novo comentário, que pode ser uma oração adjetiva, uma oração reduzida do gerúndio, uma sentença absoluta vinculada à primeira parte por conectivo aditivo ou simplesmente justaposta; (c) verbos que introduzem (de súbito?) um novo evento: caiu um raio.

- Em síntese, o quadro 1 mostra que a posição de sujeito posposto, na fala, e evidencia de um processo produtivo, controlado pelo status do referente e por restrições de cálculo da sentença. Como processo típico da narrativa, introduz entidades no pretérito perfeito. O quadro 1 mostra também que a categoria [+ definido] está estreitamente correlacionada com o status do referente: referente novo tende a ser [— definido], referente inferível tende a ser [+ definido].

Quadro 2 — Ocorrências de sintagma nominal posposto nas narrativas de crianças da área rural do Estado do Rio de Janeiro

Nº Narr.	L.	Enunciado	status	definido	passado
1	1.3.	1 tem o Cebolinha e a Mônica	n	+	—
2	2.1.	2 tinha uma moça...	n	—	+
3	2.1.	3 tinha um monte de pessoa	n	—	+
4	2.1.	7 tinha um bicho...	n	—	+
5	3.2.	1 tem dia que...	n	—	—
6	3.2.	2 tem dia que...	n	—	—
7	3.2.	2 tem ano que...	n	—	—
8	3.2.	3 tem ano que...	n	—	—
9	5.1.	2 tinha uma mulher...	n	—	+
10	5.1.	5 tinha também uma onça	n	—	+
11	5.2.	13 tem uma árvore	n	—	—

- O quadro 2 apresenta referentes que seguem o verbo ter: todas são entidades novas (o primeiro exemplo é o único caso de entidade única (melhor, uma dupla); com exceção do primeiro exemplo todos os referentes são indefinidos. Uma vez que entidades novas são necessariamente indefinidas, pois que estão apenas entrando no modelo do dis-

curso do ouvinte, ser indefinido passa a ser redundante. Os exemplos da narrativa 3.2 ((5), (6), (7) e (8)) introduzem entidade temporal em forma fixa, cristalizada, e em processo de esvaziamento semântico, senão vazias. Com efeito, a expressão: **tem dia que ele não vem** é interpretada como **às vezes ele não vem**. Apesar disso preferimos manter esses exemplos no quadro 2 porque parece possível recuperar a entidade **dia** e **ano** (por exemplo perguntando: — qual é o dia que ele não vem?), e de qualquer modo se trata de uma entidade nova.

A categoria de tempo é pouco flexível no quadro 2: ou se trata de um presente não-marcado, que introduz um personagem, como em (1), ou se trata de um pretérito imperfeito fixo, com sentido de pretérito perfeito, em que a idéia de aspecto não é levada em conta, como em **tinha uma moça**.

5.2. O status do sujeito anteposto dos verbos de apresentação

- O fato de verbos intransitivos (vir, chegar, sair, cair) serem usados com sujeitos pospostos que veiculam entidades novas ou inferíveis pode ser relevante para a compreensão do comportamento dessas entidades, suas tendências posicionais, mas não nos permite uma visão geral do comportamento desses verbos intransitivos, pois apenas com base no quadro 1 não sabemos se vir, chegar, sair e cair aceitam sujeito anteposto, nem qual é o status dos referentes dessa posição.
- É, pois, com vistas a descrever o comportamento integral das quatro formas verbais nas narrativas que estamos estudando que a seguir listamos todos os casos de aparecimento de vir, chegar, sair e cair com sujeito anteposto.
- Como se pode ver no quadro 3 a seguir, sempre que um sujeito está anteposto a um verbo intransitivo do grupo acima, a entidade representada por este sujeito é textual ou situacionalmente evocada. Para os efeitos desta análise estamos considerando a gente como uma expressão pronominal equivalente a nós, e lhe atribuímos o status de situacionalmente evocado.⁶
- O quadro 3 garante a validade das conclusões a respeito do quadro 1 (de que sujeitos pospostos não são evocados por causa de condicionamento sintático e pragmático), uma vez que, com os mesmos verbos intransitivos **vir, che-**

gar, sair, cair, se o sujeito estiver anteposto é porque se trata de uma entidade textualmente evocada.

Quadro 3 — Sujeitos antepostos com os verbos vir, sair, chegar, cair, nas narrativas de crianças da área rural do Estado do Rio de Janeiro

Nº Narr.	L.	Enunciado	status	definido	passado
1	1.2.	6 ai depois eles veio	t	+	+
2	1.4.	8 a casa caiu	t	+	+
3	1.4.	9 a casa calu	t	+	+
4	1.5.	4 (ele chegou la	t	+	+
5	1.5.	20 (ele) chegou em casa	t	+	+
6	1.5.	28 (ele) chegou em casa	t	+	+
7	2.1.	11 ele caiu encima do prédio	t	+	+
8	2.1.	11 ele caiu	t	+	+
9	2.3.	4 (a gente só sai às seis horas)	t	+	—
10	2.3.	5 a hora que a gente sai	t	+	—
11	2.3.	5 eles saem junto	t	+	—
12	3.1.	11 os caçadores chegou	t	+	+
13	3.3.	10 quando ele chegou perto do fogo assim	t	+	+
14	3.3.	11 a mulher blônica veio	t	+	+
15	5.2.	9 ai ela chegou em casa	t	+	+
16	5.2.	20 ai eles saíram correndo	t	+	+
17	5.3.	1 quando um vem botar o pique	t	—	—
18	5.3.	1 quem sai dentro	t	—	—
19	5.3.	5 quem sai dentro	t	—	—
20	5.3.	5 (a gente) sai correndo	t	+	—

— Além dos nomes evocados (casa, caçadores e mulher blônica), aparecem pronomes (7/20) e pronomes cancelados (6/20).

— O fato de tempo predominante também aqui ser o pretérito perfeito, com aspecto concluso, mostra que tempo não é um fator determinante de posposição do sujeito. A semelhança do que vimos nos quadros precedentes, também aqui as construções com verbo no presente se referem a tempo habitual, como nos casos (9), (10) e (11), ou descrição de ações habituais (exemplos (17)-(20)).

— Até agora falamos a respeito de sujeitos pospostos, e vimos que eles nunca são evocados; examinamos os verbos que ocorrem com esses sujeitos e examinamos os casos

em que esses mesmos verbos aparecem com sujeito anteposto; constatamos que enquanto sujeitos pospostos nunca são evocados, sujeitos antepostos que ocorrem com os verbos vir, cair, chegar e sair sempre são evocados. Isso nos permitiu concluir que a posição do sujeito é controlada pelos status do referente no caso dos verbos de apresentação; concluímos também que a distribuição dos sujeitos em novos pospostos e evocados antepostos era uma evidência da tendência ao esvaziamento da posição natural de sujeito em termos semânticos. Para testar a validade da última conclusão levantamos todos os (poucos) casos em que sujeito anteposto representa uma entidade nova. É o que se pode ver no quadro 4, a seguir.

Quadro 4 — Sujeitos antepostos novos nas narrativas das crianças da área rural do Estado do Rio de Janeiro

Nº Narr.	L.	Enunciado	status	definido	passado
1	1.2.	8 os passarinhos já tinham comido tudo	n	+	+
2	1.4.	5 o sapato dela estava voando	n	+	+
3	3.3.	8 um homem botou fogo na jaula	n	—	+
4	4.3.	6 o rinoceronte correu atrás dele	n	+	+
5	4.3.	6 o macaco estava por perto	n	+	+
6	5.2.	20 "o mundo está acabando"	n	+	—
7	6.2.	1 o homem que queria cavar não encontrava	n	+	+
8	6.2.	3 um bocado de gente queimou	n	—	+
9	6.2.	4 o dono do petróleo vestiu uma	n	+	+
10	6.2.	6 o negócio da moca que tava lá ficou...	n	+	+
11	6.3.	1 o homem tava telefonando pra ele ...	n	+	+

— O quadro 4 testemunha o processo de esvaziamento semântico da posição de sujeito: (a) apenas 11 casos de sujeitos novos aparecem, para um total de 407 casos de sujeitos nas narrativas; (b) embora listados aqui como novos, na verdade os sujeitos dos onze exemplos não são novos-em-folha, com exceção do número (3) e talvez de (8), que apresenta uma espécie de coletivo; os demais

casos, marcados pela presença do artigo definido, estão a meio caminho entre as categorias de novo e inferível; três casos correspondem ao que Prince (81) provavelmente chamaria novo ancorado: (2), (9) e (10): em (2) o possessivo **dele** põe a Pantera cor-de-rosa como âncora de **sapato**; em (9), numa estória sobre o Incrível Hulk e a explosão de poços de petróleo, **o petróleo** e a âncora de **homem**; (10) representa um caso de âncora dupla: em o negócio da moça que tava lá embaixo, **moça** ancora **negócio** e é ancorada pelo local do evento, **lá embaixo**. Nos demais exemplos o contexto da narrativa suporta a entrada dos personagens sem surpresa para o ouvinte; isso quer dizer que num certo sentido eles podem aparecer na narrativa porque há espaço para eles no modelo do discurso do ouvinte. De fato, os referentes têm a aparência de não-novos: são definidos, como se tivessem sido mencionados antes na narrativa.

- Examinemos mais de perto alguns dos exemplos do quadro 4: em (1) **os passarinhos** aparecem na estória sobre João e Maria, perdidos na mata, e que tinham derramado farinha para marcar o caminho; João e Maria não acharam mais as marcas de farinha (espiga de pão, na narrativa de Alan) porque **os passarinhos** já tinham comido; a inferência seria: a mata tem passarinhos; passarinhos comem farinha; em (4) e (5) os personagens da narrativa estão nas florestas da África; lá, **o rinocerante** corre atrás deles, enquanto **o macaco** está por perto; a inferência seria aproximadamente: florestas da África têm rinocerontes e macacos; o exemplo (6) é transcrição direta da fala de um personagem e parece poder interpretar-se como resposta prévia a uma pergunta do tipo: — o que está acontecendo (com o mundo)? ou então como resposta ao estado de surpresa dos circunstantes da narrativa.

- Temos a impressão de que os exemplos (7) e (11) podem ser considerados como falhas de performance não corrigidas pelo narrador; em (7)

o homem que queria cavar não encontrava...

a oração adjetiva funciona estruturalmente como âncora, mas não temos nenhuma referência prévia a **cavar** na narrativa; em (11)

o homem tava telefonando pra ele,

o **homem**, que é sujeito da sentença, é retomado na sentença seguinte de modo não definido:

ele, o homem tava telefonando para ele, né, ele, não; aí o telefone tocava, aí o homem tava na banheira.

- O importante, em (11), é que **o homem** não tinha aparecido antes na estória, e aparece definido já na primeira vez.
- Creio que podemos considerar os dois exemplos, por outro lado, como indicadores de um estágio na aquisição do componente narrativo em que o status dos referentes e do artigo definido ainda não está bem definido. Uma terceira hipótese é que esse tipo de problema ocorre porque a criança está mais atenta em seguir seu modelo de discurso do que em cooperar com o ouvinte na construção de novo modelo.

6. CONCLUSÕES PRELIMINARES

- A análise das construções iniciadas por verbo evidencia a existência de dois sistemas de apresentação e introdução de entidades não-evocadas no texto:

(1) na gramática normativa: prevê-se a utilização de **haver** e **fazer** como existencial e de verbos como **custar**, **constar**, **ser** + adjetivo, **alugar** em passiva sintética em contextos categóricos, mas de fato essas formas são variáveis, tanto na fala padrão como na escrita (tinham uns carros, houveram muitas festas, aluga-se apartamentos);

(2) na fala espontânea: nas narrativas aqui analisadas não se utilizam os processos descritos na gramática normativa, mas entram em ação os existenciais **ter** e **ser** e os verbos intransitivos dinâmicos (**vir**, **chegar**, **sair**, **cair**) para apresentar e introduzir entidades não-evocadas.

- Os verbos existenciais são vazios ou pelo menos fracos em conteúdo informativo; são utilizados em expressões mais ou menos fixas (tem, tinha, era uma vez), especializadas para apresentar entidades até então não presentes na narrativa.
- A categoria de tempo-aspecto manifesta-se em distribuição complementar em relação aos dois tipos de verbos que iniciam sentença: verbos existenciais estão no pretérito imperfeito (no sentido de processo concluído, ou apresentado, e não em curso): **tinha** uma moça, **era** uma vez um moço; podem estar também no presente: **tem** o Cebolinha e a Mônica. Para essas construções o aspecto não é uma

categoria relevante. Já os verbos que introduzem um personagem ou um evento estão no pretérito perfeito, e apresentam um aspecto conclusivo. Quando aparecem no presente, com o auxiliar *ir* (vai cair dinheiro) representam uma previsão dentro do relato, e não um fato.

Quando uma entidade não-evocada aparece depois do verbo existencial ou intransitivo a razão principal desse estar à direita (nos existenciais) ou desse pulo para a direita parece ser a tendência à fuga da primeira posição por causa de um presumível esvaziamento semântico dessa posição; esta hipótese é apoiada, em inglês, pelos estudos de Kroch e Hindle (1980); cremos que, para o português, o argumento principal é de base pragmática, uma vez que a posposição do referente facilita o cálculo da sentença, tanto para quem a produz como para quem a interpreta; o sintagma nominal posposto é convertido em tópico do segmento seguinte (introduzido por conectivo ou pronome relativo, ou justaposto) que se comporta como seu comentário. A entidade não-evocada, que pode ser nova, nova-ancorada, única ou inferível, é sempre um nome, jamais um pronome.

- Dois pontos fracos, ou pelo menos polêmicos, apresenta este trabalho: o status do referente e o papel do artigo definido. Quanto ao primeiro ponto, ainda não temos critérios sólidos, não-impressionísticos, para distinguir entre entidades novas e entidades inferíveis em certos contextos; por vezes somos levados a crer que uma mesma entidade se apresenta como nova ou inferível, dependendo da leitura do enunciado em que ela se encontra e do contexto em que essa leitura se dá. É possível que se deva levar em consideração a posição de Corvalan (1981) para quem a escala de familiaridade em certos aspectos opera como um contínuo e não como um conjunto de unidades discretas. Por ora, cremos que é preferível trabalhar com a oposição privativa (+/- evocada), que põe no mesmo grupo inferíveis, únicas, novas ancoradas e novas não-ancoradas. Quanto ao artigo definido, além dos problemas práticos de classificação de referentes novos que aparecem definidos, temos a questão de saber se o uso do artigo definido no corpus aqui analisado reflete um estágio de insegurança na aquisição do sistema de definição, ou se é um traço variável da língua. Por ora, nada podemos dizer sobre isso; uma possível resposta parcial poderia provir da comparação dos padrões aqui entrados com o que acontece na fala dos adultos.

REFERÊNCIAS

- Corvalan, Carmen Silva, Prosódia, sintaxis y pragmática en español, Comunicación presentada no VI Congreso Internacional da ALFAL, em Tempe, 1981.
- Kroch, Anthony e Donald Hindle. A quantitative study of the syntax of speech writing, progress report to the NIR ou Grant n.º G78-0169, University of Pennsylvania, 1980.
- Lemle, Miriam e Anthony Naro. *Competências Básicas do Português*, MOBRAF, Rio, 1977.
- Prince, Ellen. Toward a taxonomy of given-new information. In *Radical Pragmatics*, Academic Press, NY, 1981.

NOTAS

- 1 Uma versão prévia de parte deste trabalho foi apresentada no Penn Linguistics Colloquium, na Universidade da Pennsylvania, em janeiro de 1982.
- 2 Algumas das idéias aqui apresentadas, a exemplo da hipótese básica, resultaram de discussões com John Myhill, a quem agradeço a disponibilidade.
- 3 Os três dígitos representam: região do Estado do Rio de Janeiro, ordem da narrativa, linha da transcrição. As seis regiões do Estado estão numeradas como segue: 1 — Metropolitana, 2 — Médio Paraíba, 3 — Litoral Sul, 4 — Baixadas Litorâneas, 5 — Região Serrana, 6 — Região Norte. Assim, a numeração 2.1.2 representa a região do Médio Paraíba; trata-se da primeira narrativa, e o exemplo está na segunda linha.
- 4 Modelo do discurso é definido em Prince (81) como o que preexiste à fala do falante e controla a produção do texto; para o ouvinte, corresponde ao que resulta da interpretação desse texto; logo o ouvinte controla seu modelo de discurso a partir do que ouve e do contexto que acompanha a fala: gesto do falante, contexto imediato, tipo de relacionamento com o falante em nosso caso falante e ouvinte estão em contacto pela primeira vez, o que elimina interferências de conhecimento íntimo; infelizmente a transcrição das narrativas não apresenta os outros dois grupos de traços: gestos e contexto imediato; por isso, e mais difícil construir um modelo de discurso a partir da leitura das narrativas do que se estivéssemos presentes (como entrevistadoras) no momento da narração.
- 5 Esses exemplos (8) e (9) são problemáticos, e provavelmente estão mal classificados, pois o referente (outras, nenhuma, nada) funciona como pronome substantivo anafórico; em vista disso talvez fosse mais adequado classificar os três referentes como evocados.
- 6 Ainda não está clara a posição de *a gente* no quadro dos pronomes de tratamento; o uso não-marcado parece corresponder a *nós*, mas sem incluir necessariamente o falante; no uso indeterminado, representa alguém, qualquer pessoa.